

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR LEITOR: MEDIAÇÃO CULTURAL E CURADORIA LITERÁRIA NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS

Nádia Patrícia Ribeiro

Resumo: O presente artigo investiga o papel da literatura e da mediação cultural na formação continuada de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com foco na importância da leitura literária no desenvolvimento pessoal e profissional dos docentes. A pesquisa tem como objetivo compreender como a literatura pode ser eficaz integrada ao cotidiano escolar e como as práticas de mediação literária importantes para o fortalecimento da cultura literária entre os educadores. O estudo propõe uma abordagem que articula aspectos históricos, culturais e pedagógicos, além de discutir os desafios contemporâneos na formação do professor como leitor e mediador cultural.

Palavras-chave: Formação literária. Mediação cultural. Direito à literatura.

THE FORMATION OF THE TEACHER AS A READER: CULTURAL MEDIATION AND LITERARY CURATION IN EDUCATIONAL SPACES

Abstract: This article investigates the role of literature and cultural mediation in the continuous professional development of primary school teachers, emphasizing the importance of literary reading in their personal and professional growth. The research aims to understand how literature can be effectively integrated into the school environment and how literary mediation practices contribute to strengthening literary culture among educators. The study proposes an approach that connects historical, cultural, and pedagogical aspects and discusses contemporary challenges in shaping teachers as readers and cultural mediators.

Keywords: Literary Formation. Cultural Mediation. Right to Literature.

Introdução

Como séculos de ditadores souberam, uma multidão analfabeta é mais fácil de dominar; uma vez que a arte da leitura não pode ser desaprendida, o segundo melhor recurso é limitar seu alcance. Portanto, como nenhuma outra criação humana, os livros têm sido a maldição das ditaduras (Manguel, 1996, p. 315).

A investigação sobre a formação do professor como leitor de literatura parte das inquietações que emergiram durante uma pesquisa de mestrado na qual investigamos o papel da literatura na formação em serviço de docentes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Na ocasião, observou-se que, apesar de presente no ambiente escolar, a literatura muitas vezes necessita de práticas significativas que possam envolver alunos e professores, revelando uma lacuna nas oportunidades de discussão e aprofundamento literário durante as reuniões pedagógicas e conseqüentemente, as aulas. Essa constatação despertou o interesse em explorar, neste artigo, a formação literária em serviço, dos professores e o papel das práticas de mediação cultural na consolidação de uma cultura literária nas escolas.

Alguns fatores explicam esse pouco interesse, como aponta Soares (2003) sobre o processo de escolarização da literatura, considerando-o como inevitável, uma vez que a literatura se adentra ao contexto escolar, naturalmente é escolarizada. Porém, a autora chama atenção para a maneira com que esse processo vem sendo conduzido na escola, denominando-o de escolarização imprópria da literatura “[...] que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção [...]” (Soares, 2003, p. 22). A autora afirma que na escola o processo de escolarização é inevitável porque necessita de procedimentos formalizados e organização de conteúdos, determinando um fluxo de tarefas e ações na escola, é dentro desse inevitável processo que a literatura se escolariza. Soares (2003) ressalta que não é possível desescolarizar a literatura e sim tratá-la adequadamente, respeitando as práticas de leitura que ocorrem no contexto social, que tornam possível a aproximação da literatura ao universo dos leitores. Assim, indagamos: Quais camadas que deveriam compor as ações “adequadas” ao lidar com o texto literário na escola?

A literatura, conforme argumentam Martins e Picosque (2012), possui o potencial de nos aproximar de uma compreensão mais profunda do mundo. Contudo, há um processo de anestesia no modo como o cotidiano absorve as possibilidades de fruição com a experiência estética. As autoras revelam que é um processo cheio de sutilezas porque coloca em movimento uma série de percepções e sentimentos.

Compagnon (2012) nos lembra que especialmente a poesia, em sua essência, é uma arte que transcende as barreiras do cotidiano, talvez, nessa missão de desanestesiar revela verdades latentes e escondidas além da superfície já que “Brincando com a língua, a poesia ultrapassa suas submissões, visita suas margens, atualiza suas nuances e enriquece-a violentando-a” (Compagnon, 2012, p. 47) Deleuze (2011) destaca a imprevisibilidade da literatura como força transformadora, uma das potências poderosas que pode infundir na coletividade traduzindo o que o escritor, como filtro da sensibilidade, sente mais profundamente e que a maioria de nós não percebe na vida cotidiana. A narrativa permite que se revelem aspectos da realidade invisíveis à maioria. O efeito de transformação da arte sobre a vida é, portanto, a reaproximação do indivíduo com o mundo. Ao tornar visível o que está implícito, a literatura nos sensibiliza para nuances e possibilidades da vida e enriquece nossa compreensão da complexidade humana. Essa abertura de novas perspectivas cria um espaço de reconexão, permitindo que enxerguemos o mundo e a nós mesmos com um olhar mais compassivo. Dessa forma, a literatura se firma como uma ponte que nos aproxima das experiências e emoções do outro, e, conseqüentemente, nos move em busca da própria humanidade.

Ao ampliar as reflexões sobre o texto literário, Todorov (2014) associa-o a um campo evocativo, despertando sentidos e associações pessoais que abalam o repertório simbólico do leitor. A literatura desempenha um papel formativo e emancipador, ela não apenas ensina ou informa; ao contrário, transforma o leitor, envolvendo-o em uma experiência que ele mesmo construiu e ressignifica. Dessa forma, a obra literária se afirma como um campo potencial, que provoca e amplia o pensamento, haja vista que:

Ao dar forma a um objeto, um acontecimento ou um caráter, o escritor não faz a imposição de uma tese, mas incita o leitor a formulá-la. Em vez de impor, ele propõe, deixando, portanto, seu leitor livre ao mesmo tempo em que o incita a se tornar mais ativo. Lançando mão do uso evocativo das palavras, do recurso às histórias, aos exemplos e aos casos singulares, a obra literária produz um tremor de sentidos, abala nosso aparelho de interpretação simbólica, desperta nossa capacidade de associação e provoca um movimento cujas ondas de choque prosseguem por muito tempo depois do contato inicial (Todorov, 2014, p. 78).

Para Antonio Candido, a literatura é um direito fundamental e indispensável à formação integral do ser humano, cumpre uma função humanizadora, pois além de revelar aspectos essenciais da condição humana que frequentemente escapam à percepção cotidiana, corresponde também a uma necessidade indispensável pois: “Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (Candido, 2017, p. 176). O direito à literatura constitui, portanto, uma via para o desenvolvimento que não se limita ao conhecimento informativo, mas como formação integral do ser humano. É por meio de narrativas e poesias, que os sujeitos ampliam sua compreensão de si e dos outros e constroem um repertório simbólico vital para sua participação em sociedade. A defesa desse direito implica, assim, a valorização da literatura como ferramenta transformadora.

Tensões entre literatura e sociedade

A formação literária de professores enfrenta desafios significativos que se manifestam, entre outros motivos, pelo desinteresse e pela superficialidade das discussões literárias. Existem tensões geradas nas relações entre literatura e sociedade que podem ampliar a compreensão sobre a relação entre o acesso ao bem cultural e as condições sociais do indivíduo, deste modo, o acesso à literatura pode ser restrito por diversas questões que se originam em fatores socioeconômicos. As competências e habilidades de leitura necessárias para uma fruição plena da literatura estão diretamente condicionadas à formação integral do indivíduo. Assim, é importante destacar que o simples acesso aos textos não é suficiente, os indivíduos também precisam ter um suporte que os apoie na construção e desenvolvimento de habilidades de leitura que lhes permitam compreender e apreciar as obras literárias com profundidade e em plenitude.

Em uma experiência recente, ao observar um projeto de indicações literárias promovido entre docentes, verificamos que a interação dos professores com a leitura literária revelou sinais de resistência e indiferença. Observamos que, nos desdobramentos dos encontros, algumas situações se mostraram emblemáticas, como o desinteresse e o silêncio que, mesmo parciais, mos-

traram que os encaminhamentos envolvendo a leitura literária necessitavam primordialmente do interesse dos professores. As situações apresentadas, fundamentais para construir novas reflexões a respeito do tema, serviram para repensar as ações e compreender a singularidade do contexto crítico.

Essa ocorrência, à luz da teoria de Bourdieu e Passeron (1992), pode ser vista como uma consequência de uma arbitrariedade cultural que se impõe sobre a literatura, refletindo uma abordagem que não avança e muitas vezes se perde em sua própria superficialidade. As manifestações de indiferença aos estudos literários e à literatura refletem um fenômeno complexo e carregado de significados sociais e culturais. Bourdieu e Passeron (1992) argumentam que, ao contrário de um simples desinteresse espontâneo, há nesse tipo de reação, um reflexo das estruturas sociais que, muitas vezes, perpetuam uma visão elitista da cultura e da arte. Ao classificar os estudos literários como algo secundário ou dispensável, o sistema educativo transmite um sutil tratamento de indiferença que, em vez de ser combatido, acaba sendo reforçado.

Esse tipo de indiferença se traduz como um efeito de distanciamento cultural: muitos alunos e mesmo alguns educadores enxergam a literatura e seus estudos como algo fora do alcance de seus interesses ou como uma prática reservada para uma elite intelectual. Essa perspectiva é alimentada pela própria estrutura educacional que, ao longo dos anos, frequentemente exclui abordagens de ensino que poderiam tornar a literatura mais acessível e relevante. Em vez de incentivar um engajamento verdadeiro com a literatura, o sistema reforça a ideia de que esse conhecimento possui um valor apenas instrumental ou decorativo, retirando dele o potencial de promover uma transformação pessoal e social.

Nesse sentido, Bourdieu e Passeron (1992), destacam o conceito do que é arbitrário culturalmente, como uma imposição que afasta os indivíduos do genuíno valor cultural da literatura. O sistema educacional, ao transmitir essa arbitrariedade, sugere que apenas determinados grupos ou classes sociais possuem legitimidade para se apropriar do conhecimento literário, o que gera uma barreira entre a literatura e a experiência cotidiana de muitos alunos. O resultado é um descompasso entre a experiência de leitura oferecida pela escola e as práticas culturais familiares de grupos sociais menos favorecidos, que não possuem os mesmos recursos para lidar com o conteúdo literário.

Por outro lado, essa indiferença também carrega um protesto silencioso contra a cultura imposta, refletindo uma resistência às formas tradicionais e padronizadas de ensino da literatura. Essa indiferença expressa uma insatisfação quanto à maneira com que a literatura é apresentada e mediada. O ensino tradicional costuma ignorar as experiências culturais dos leitores, reforçando a arbitrariedade do sistema e sua incapacidade de dialogar com a diversidade cultural presente. Em vez de criar um ambiente de encontro entre as experiências do leitor e as propostas literárias, o sistema impõe uma perspectiva única de cultura, reforçando assim a percepção de que os estudos literários são a um só tempo inalcançáveis e irrelevantes.

A indiferença, portanto, emerge como uma consequência da falta de mediação cultural, de acordo com o pesquisador Felipe Munita (2024), a relação de um indivíduo com a cultura é moldada por um processo de familiarização gradual. Essa familiarização não acontece de forma isolada, mas é influenciada pelo contexto social e familiar ao qual a pessoa pertence. Em outras palavras, as atitudes que desenvolvemos em relação à cultura, incluindo a literatura, são o resultado de uma série de experiências e interações que se desdobram ao longo do tempo, dentro de ambientes específicos. (Munita, 2024)

Tal ideia sugere que a cultura não é apenas um conjunto de conhecimentos ou bens a serem consumidos, mas sim uma prática social que envolve dinâmicas complexas de pertencimento, reconhecimento e validação.

Por que a literatura importa

As formas literárias possuem um poder restaurador, que impacta os indivíduos em múltiplas dimensões. A leitura literária tem desempenhado, ao longo da história, um papel fundamental em tempos de crise, funcionando como uma ponte para a proteção do sentido da vida e da própria identidade. Individualmente, ela oferece ao leitor um caminho para a reflexão e a ressignificação de sua experiência pessoal; coletivamente, cria espaços de partilha e compreensão mútua, ampliando o contato humano e promovendo o convívio (Petit, 2009).

Sob essa perspectiva, argumenta-se que a leitura literária é alentadora, especialmente em contextos de intenso conflito. Segundo a autora Michèle Petit (2009), o mundo inteiro pode ser visto como um cenário de crise. Contudo, é nos contextos mais críticos que se manifesta um paradoxo: embora a crise possa gerar desilusão, também fomenta forças regeneradoras, despertando a criatividade e a inventividade, como uma resposta instintiva de reequilíbrio. Em momentos de crise – especialmente em períodos de retrocessos sociais e políticos – a literatura e outras formas de expressão artística assumem uma importância ainda maior.

A literatura, nesse sentido, oferece um espaço de interioridade e compreensão que se torna vital na educação contemporânea. Paradoxalmente, embora a cultura literária seja frequentemente relegada a um segundo plano, ela oferece o próprio antídoto para a alienação e a desumanização. Para Petit, (2009) é por meio das linguagens artísticas e da literatura que encontramos subsídios para entender a complexidade do mundo e nossas realidades pessoais. Nesse contexto de urgência, é fundamental recolocar o professor como mediador central desse processo, valorizando a leitura literária não apenas como conteúdo acadêmico, mas como uma experiência cultural e humana essencial.

Como um recurso poderoso para a construção de uma compreensão mais profunda de si e do mundo, a literatura não se limita a uma técnica para o conforto da alma, mas, como uma revelação do mundo, provoca transformações interiores e expande as possibilidades de experiência humana. No contexto educacional, esse papel da literatura ganha ainda mais relevância. Através dela, os leitores não encontram apenas consolo e inspiração, mas um caminho para compreender e interpretar a complexidade das próprias emoções e realidades sociais. Todorov (2017) argumenta que,

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. a literatura tem um papel vital a cumprir; mas por isso é preciso tomá-la no sentido amplo e intenso que prevaleceu na Europa até fins do século XIX e que hoje é marginalizado, quando triunfa uma concepção absurdamente reduzida do literário. o

leitor comum, que continua a procurar nas obras que lê aquilo que pode dar sentido à sua vida, tem razão contra professores, críticos e escritores que lhe dizem que a literatura só fala de si mesma ou que apenas pode ensinar o desespero (Todorov, 2017, p. 76).

Uma das vias com as quais a mediação pode ampliar a aproximação com o literário é essa: para que os estudantes encontrem nos textos, para além do conteúdo para aprendido, uma ferramenta de introspecção e compreensão, que contraria a alienação e desumanização. Assim entendemos o papel do professor como mediador cultural, determinante para romper com a arbitrariedade cultural, que muitas vezes limita o acesso e o engajamento com a literatura, principalmente em contextos sociais e econômicos adversos. Encorajar o professor a levar a literatura para os seus alunos enquanto experiência transformadora, criando um espaço para que a vejam como uma força que amplia a compreensão de si mesmos e do outro.

A mediação literária nas escolas se traduz na garantia de que a literatura seja uma ponte para a formação de sujeitos mais empáticos, críticos e integrados ao mundo cultural e social ao seu redor, defendendo-a, como coloca Candido, como um direito que todos deveriam ter assegurado. Um processo que nos lembra a todo instante do professor leitor, sustentado pelas diversas leituras que realiza e que, em última instância, forma o alicerce para guiar seus alunos em sua própria jornada de leitura abrindo aos leitores um espaço fértil de significação, onde as experiências podem ser transcendidas, permitindo que os alunos façam conexões entre suas próprias vidas e as narrativas que encontram na literatura.

Conclusão

Este estudo destaca a importância de aproximar os professores de leitura literária e da reflexão crítica que ela proporciona, especialmente em contextos de crise, onde o papel humanizador da literatura se torna ainda mais evidente. A formação literária dos professores pode enriquecer o ambiente escolar e potencializar a construção de subjetividades mais sensíveis e abertas à alteridade. Propõe-se que a mediação cultural seja integrada aos espaços formativos dos docentes, permitindo que a literatura assuma

seu papel transformador e de conexão humana. Esta abordagem contribuirá para o fortalecimento de uma comunidade educativa comprometida com a formação integral de seus estudantes e consigo mesma. A familiaridade com as obras culturais, para além do acesso ao material cultural, é essencial nesse contexto, desafiando a ideia de que o acesso por si só é suficiente para a verdadeira apropriação cultural. Nesse contexto, os encontros intersubjetivos e as interações pessoais são fundamentais para que o indivíduo consiga internalizar e fazer uso do conhecimento adquirido.

A crença de que a literatura é um domínio exclusivo da elite cultural, que perpetua a exclusão social e restringe a fruição literária às camadas mais favorecidas, impede que outros grupos se beneficiem dos subsídios proporcionado pela leitura. Superar essa ideia é fundamental para garantir que a literatura seja vista como um bem cultural acessível a todos, independentemente de seu contexto socioeconômico.

A formação literária em serviço para professores e as práticas de mediação cultural têm um papel essencial na construção de uma cultura literária nas escolas, especialmente para proporcionar uma compreensão mais significativa da literatura. Quando os professores são capacitados com uma formação literária que vai além da técnica, eles estão mais preparados para interpretar, mediar e levar a literatura para seus alunos como uma experiência transformadora e não apenas como conteúdo curricular. Assim, a democratização da leitura requer uma mudança de paradigma que, apesar das limitações que enfrenta, priorize a apropriação crítica das obras literárias antes do mero acesso a elas. É fundamental que os alunos se tornem sujeitos ativos na construção de sentidos, permitindo que desenvolvam um olhar crítico e reflexivo sobre o que leem, para isso, exige-se um “alto grau de intervenção docente” (Munita, 2024, p. 59) apoiado nas mudanças políticas e sociais levantamos neste artigo e que tanto almejamos alcançar.

Referências

BOURDIEU, Pierre; DARBEL. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. São Paulo: EdUSP, 2007.

BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução*. Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino. Lisboa: Vega, 1992.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In CANDIDO, Antonio.: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2017.

DELEUZE, *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Mirian Celeste. PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. São Paulo: Intermeios, 2012.

MUNITA, Felipe. *Eu, mediador(a)*. São Paulo: Solisluna, 2024.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Araci Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria ZéliaVersiani (orgs). *A escolarização da leitura literária*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.